

16 a 31 de JULHO de 2013As principais informações da
economia mundial, brasileira e baianaSuperintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

A conjuntura econômica da segunda quinzena de julho apresenta como destaques, no âmbito nacional, aumento na geração de empregos formais; estabilidade da taxa de desemprego; desaceleração da inflação de aluguel, medida pelo IGP-M; expectativa de manutenção da alta dos juros na Ata do Copom; recuo no índice de confiança da indústria e do consumidor. No âmbito internacional, os destaques ficaram por conta das expectativas do mercado com o discurso do presidente do banco central americano (FED), Ben Bernanke; estimativa de menor crescimento para América Latina; corte da capacidade ociosa da indústria chinesa; alta da inflação e queda na taxa de desemprego do Japão.

Projeção para PIB em 2013 interrompe queda após dez recuos

O mercado financeiro não alterou suas projeções para inflação, taxa de juros, expansão da economia e produção industrial neste ano, de acordo com o boletim Focus, divulgado pelo Banco Central. Para 2014, houve um leve ajuste para cima na expectativa de inflação e, para baixo, nos juros. Nas projeções dos analistas para 2013, o destaque fica para a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) que, após dez ajustes consecutivos para baixo, se estabilizou em 2,28%. A estimativa de expansão da economia para 2014 ficou em 2,60%. Para a produção industrial, os números continuaram os mesmos: aumento de 2,10% em 2013 e de 3,0% em 2014 (*Valor Econômico*, 29/07/2013).

Geração de empregos positiva em junho

A economia brasileira, segundo dados do Caged, gerou 123.836 vagas formais em junho deste ano, resultado de 1.772.194 contratações e 1.648.358 demissões. No entanto, o resultado do semestre (826.168 empregos) foi o pior desde 2009, quando 397,9 mil postos de trabalho foram gerados. Em relação ao primeiro semestre do ano passado, quando mais de um milhão de vagas foram abertas, o desempenho foi 21,1% inferior. Nos últimos 12 meses, o Brasil criou 1.016.432 empregos formais. No semestre, a Bahia, com criação de 26.640 postos de trabalho, registrou a melhor colocação do Nordeste. Em junho, o estado criou 1.436 vagas (*Valor Econômico*, 23/07/2013; *SEI* 23/07/2013).

Desocupação apresenta pouca variação em junho

Ataxa de desocupação em junho foi estimada em 6,0%, não registrando variação significativa frente a maio de 2013 (5,8%) e junho de 2012 (5,9%). A população desocupada (1,5 milhão de pessoas) também apresentou estabilidade tanto em relação a maio de 2013 quanto a junho de 2012. A população ocupada (23,0 milhões) não variou significativamente em relação ao mesmo período. A massa de rendimento real efetivo dos ocupados (43,1 bilhões em maio de 2013) também permaneceu estável frente a abril. Na comparação com maio do ano passado à estimativa cresceu 2,0% (*PME/IBGE*, 24/07/2013).

IGP-M desacelera em junho

O Índice Geral de Preços–Mercado (IGP-M), conhecido como a inflação do aluguel, desacelerou de 0,75%, em junho, para 0,26%, em julho, segundo pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em julho de 2012, a variação foi de 1,34%. A variação acumulada em 2013, até julho, é de 2,01% e, em 12 meses, de 5,18%. Em junho, a alta em 12 meses havia sido de 6,31% (*G1 Economia*, 30/07/2013).

Copom mantém ritmo de alta dos juros

O Comitê de Política Monetária (Copom) vê a queda da confiança das famílias e das empresas como uma ameaça ao crescimento econômico do Brasil. Apesar disso, o comitê deve manter o ritmo de alta dos juros para evitar que a valorização do dólar piore a inflação, descrita como elevada, dispersa e resistente. Na Ata da última reunião, o colegiado reconheceu a

desvalorização do real como fonte de pressão inflacionária de curto prazo, mas ponderou que os efeitos secundários dessa depreciação, que tenderiam a se materializar em prazos mais longos, podem e devem ser limitados pela adequada condução da política monetária. Além disso, o colegiado também reconheceu que a alta na cotação da moeda americana representa uma correção de preços relativos, o que significa admitir que a taxa de câmbio caminha para um patamar mais alto e de forma mais permanente (*Valor Econômico*, 18/07/2013).

Recuo na confiança do consumidor

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da FGV recuou 4,1% entre junho e julho de 2013, para 108,3 pontos, o menor nível desde maio de 2009 (103,6 pontos). O Índice da Situação Atual (ISA) baixou 9,7%, para 109,2 pontos, o que mostra insatisfação com a presente situação econômica. O Índice de Expectativas (IE) fechou em baixa de 1,6%, para 106,7 pontos. A principal influência na queda do ICC foi o quesito que mede o grau de satisfação dos consumidores em relação à situação econômica presente, que despencou 18,2% em julho. Com relação aos seis meses seguintes, a parcela de consumidores com expectativa de melhorada situação econômica diminuiu de 29,3% para 27,9% e a dos que preveem piora aumentou de 21,1% para 24,5% (FGV/IBRE, 23/07/2013).

Confiança da indústria registra queda

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV recuou 4,0% entre junho e julho, ao passar de 103,8 para 99,6 pontos, o menor nível desde julho de 2009 (95,7 pontos). A segunda queda consecutiva do ICI foi motivada pela piora tanto das percepções sobre as condições atuais dos negócios quanto das expectativas em relação aos meses seguintes: o Índice da Situação Atual (ISA) caiu 4,0%, ao passar para 100,6 pontos, e o Índice de Expectativas (IE) recuou 4,1%, passando para 98,6 pontos. A combinação de resultados sinaliza desaceleração da atividade industrial no mês e pessimismo moderado das empresas em relação aos meses seguintes (FGV/IBRE, 29/07/2013).

Confiança recua na construção

Após três meses consecutivos de melhora relativa, o Índice de Confiança da Construção (ICST) da FGV apresentou piora no trimestre findo em julho ao registrar variação de -4,0% em relação ao mesmo período de 2012. Em junho, a queda havia sido de 3,6%. A variação interanual

trimestral do Índice da Situação Atual (ISA-CST) passou de -7,2%, em junho, para -7,8%, em julho. Na mesma base de comparação, o Índice de Expectativas (IE-CST) passou de -0,6% para -0,8%, respectivamente. Entre os segmentos, o de Obras de Infraestrutura para Engenharia Elétrica e Telecomunicação apresentou a maior queda -14,2% (FGV/IBRE, 26/07/2013).

Inadimplência do consumidor cresce no primeiro semestre

O Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor perdeu o fôlego e encerrou o primeiro semestre de 2013 com crescimento de 5,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na variação mensal, o índice registrou queda de 4,0%. Na relação anual, o indicador caiu 3,0%. As dívidas não bancárias apresentaram variação positiva de 12,6% e contribuição de 5,8 p.p. A inadimplência com bancos também cresceu 1,3% e contribuiu com 0,6 p.p. Já os cheques sem fundos apresentaram queda de 9,4% e contribuição negativa de 0,7 p.p. (Serasa Experian, 17/07/2013).

Demanda das empresas por crédito cai no primeiro semestre

A demanda das empresas por crédito registrou queda de 4,7% no primeiro semestre deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado, segundo o Indicador Serasa Experian de Demanda das Empresas por Crédito. A retração ficou concentrada nas micro e pequenas empresas, cuja queda na demanda foi de 6,8% frente ao mesmo período de 2012. Nas médias empresas, a demanda cresceu 6,3% e 18,6% nas grandes empresas. Na análise por setor, o de serviços recuou 1,0% e a queda das empresas comerciais e industriais foi de 7,4% e de 6,2%, respectivamente (G1 Economia, 22/07/2013).

Arrecadação do governo decresce em junho

A arrecadação do governo – que inclui impostos, contribuições federais e demais receitas, como os royalties – recuou 1% em termos reais em junho deste ano e somou R\$ 85,6 bilhões, segundo números da Secretaria da Receita Federal. No semestre, no entanto, a arrecadação bateu recorde, alcançando R\$ 543,98 bilhões. Em maio, as receitas haviam avançado 5,8%. No acumulado do ano, o governo arrecadou R\$ 543,98 bilhões, o que representa uma alta muito pequena (0,49%) sobre igual período do ano passado e pode estar relacionado com as desonerações de tributos, que já somam R\$ 35 bilhões no primeiro semestre (G1 Economia, 22/07/2013).

Déficit em conta corrente diminui em junho

O déficit brasileiro em transações correntes com o exterior ficou em US\$ 3,953 bilhões em junho, mais baixo que o projetado pelo Banco Central (US\$ 5,4 bilhões) para o mês. Houve recuo em relação ao mês anterior (US\$ 6,42 bilhões) e a junho de 2012 (US\$ 4,393 bilhões). Apesar da queda no mês, o déficit subiu na comparação dos acumulados dos primeiros seis meses de 2012 e 2013, passando de US\$ 25,244 bilhões para US\$ 43,478 bilhões. O Brasil recebeu em junho US\$ 7,17 bilhões em investimentos estrangeiros diretos (IED), que já somam US\$ 30,027 bilhões no semestre. Além disso, o país registra, em seu balanço de pagamentos externos, superávit de US\$ 6,277 bilhões no acumulado de 2013 até junho (*Valor Econômico*, 23/07/2013).

Dívida pública sobe em junho

A dívida pública federal, que inclui os endividamentos interno e externo, registrou crescimento de 2,6% em junho, ou R\$ 50 bilhões, para R\$ 1,98 trilhão, segundo informações da Secretaria do Tesouro Nacional. No mês passado, as emissões da dívida pública interna somaram R\$ 61,44 bilhões, sendo R\$ 15 bilhões para o BNDES e R\$ 8 bilhões para a Caixa Econômica Federal, ao mesmo tempo que os resgates totalizaram R\$ 22,43 bilhões. Já as despesas com juros somaram R\$ 15 bilhões em junho. A dívida interna subiu de R\$ 1,84 trilhão em maio para R\$ 1,89 trilhão em junho (*G1 Economia*, 24/07/2013).

Brasil apresenta o menor superávit primário no 1º semestre desde 2010

O setor público brasileiro fechou o primeiro semestre de 2012 com o menor superávit primário para esses períodos em três anos, afetado, sobretudo, pelos resultados mais fracos do governo federal, com menos arrecadação e mais gastos. Segundo informou o Banco Central, a economia feita para pagamento de juros da dívida ficou em 52,158 bilhões de reais entre janeiro e junho deste ano - pior resultado para primeiro semestre desde 2010 (42,056 bilhões de reais) e 20% a menos do que em igual período de 2012. Somente em junho, o resultado primário do setor público - governo central, estados, municípios e empresas estatais - ficou em 5,429 bilhões de reais. Em 12 meses até junho, a economia feita para pagamento de juros foi equivalente a 2% do Produto Interno Bruto (PIB), abaixo da meta do governo de 2,3% do PIB (*Exame*, 30/07/2013).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Discurso de Bernanke no Congresso americano

Nos Estados Unidos, o discurso do Ben Bernanke, presidente do Banco Central (FED), gerou dúvidas quanto à retirada dos estímulos monetários na reunião de setembro do FED. Em seu testemunho no Congresso, Bernanke comentou que a retirada dos estímulos monetários dependerá da evolução dos dados de emprego nos próximos meses. Apesar da recente melhora no mercado de trabalho, ele considera que as condições ainda estão longe de serem satisfatórias. A taxa de desemprego atualmente está em 7,6% e o FED projeta que a taxa esteja entre 7,2% e 7,3% no final do ano. Alcançado esse patamar, o FED deve iniciar a retirada dos seus estímulos monetários. Grande parte do mercado acha que esse nível já pode ser alcançado em setembro, dando assim início ao processo de retirada dos estímulos. No discurso, Bernanke também sinalizou que a estratégia de retirada dos estímulos deve seguir em um ritmo bem comedido e que não significa alta de juros, que só deve ocorrer quando o desemprego e a inflação estiverem em torno 6,5% e 2,5%, respectivamente. O discurso trouxe uma redução da aversão ao risco contribuindo para a valorização das moedas emergentes ante o dólar, como o peso mexicano, o peso chileno e o colombiano. O real esteve entre as divisas que mais subiram após o discurso do presidente do FED (*Valor Econômico*, 18/07/2013).

Inflação ao consumidor na zona do euro acelera

O índice de preços ao consumidor na zona do euro subiu 1,6% em junho, em relação ao ano anterior, depois de uma alta de 1,4% em maio. Na passagem do quinto para o sexto mês de 2013, houve aumento de 0,1%. De acordo com a agência de estatísticas Eurostat, os principais impactos positivos sobre a inflação anual na zona do euro vieram dos vegetais, das frutas e da eletricidade. Em contrapartida, telecomunicações e combustíveis para transporte tiveram influência negativa. Na União Europeia, a inflação anual foi de 1,7%, superando a taxa de maio, de 1,6%. Na base mensal, o índice de preços teve elevação de 0,1% em junho (*Valor Econômico*, 16/07/2013).

Cepal estima crescimento menor para América Latina

A desaceleração do consumo das famílias e os efeitos negativos das turbulências internacionais para as finanças dos países, fizeram com que a Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (Cepal) revisasse para baixo a previsão de crescimento das economias da região

para este ano. Em abril, a Cepal projetava expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,5% para América Latina e Caribe. Agora estima apenas 3%. A comissão também destaca ameaças como um crescente descontrolado fiscal, e a necessidade de investimentos para aumentar a produtividade. A forte queda nas previsões de Brasil e México e a desaceleração de Chile, Panamá e Peru puxaram a projeção de crescimento da região para baixo. De 33 nações, apenas seis - Bolívia, Paraguai, Suriname, Equador, Bahamas e Dominicana - tiveram suas estimativas elevadas. O Paraguai lideraria a expansão neste ano com alta do PIB de 12,5%, seguido por Panamá (7,5%), Peru (5,9%), Bolívia (5,5%), Nicarágua (5%) e Chile (4,6%) (*Valor Econômico*, 25/07/2013).

Taxa de desemprego no Japão caiu e é a menor desde 2008

A taxa de desemprego do Japão caiu de 4,1% em maio para 3,9% em junho - o menor nível desde outubro de 2008. Para o Dai-ichi Life Research Institute, a queda foi surpreendente e indica que a recuperação econômica iniciada no ano passado está agora atingindo o mercado de trabalho. A produção industrial, por exemplo, teve alta no período abril-junho, de 1,4% ante o trimestre anterior, de acordo com os dados divulgados pelo governo do Japão. Em média, a produção continua em uma tendência ascendente, ajudada pela demanda externa mais dinâmica e ao iene mais fraco. Segundo o governo do Japão, o consumo das famílias cujos provedores são assalariados teve um aumento de 0,9% em junho sobre o mesmo mês do ano passado (*Valor Econômico*, 30/07/2013).

China corta capacidade ociosa das indústrias

A China deu ordens a mais de 1.400 companhias de 19 setores para que cortassem o excedente de sua capacidade de produção neste ano, como parte dos esforços rumo a um crescimento econômico mais lento e economicamente sustentável. Siderúrgicas, metalúrgicas, cimenteiras e papeleiras estão entre as áreas afetadas, que devem ter sua capacidade ociosa quantificada em setembro e eliminada até dezembro. O excesso de produção da China tem contribuído para reduzir os preços de bens manufaturados e colocado em risco o lucro das empresas, enquanto uma pesquisa nesta semana mostrou mais enfraquecimento da indústria em julho (*Valor Econômico*, 29/07/2013).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

O registro do desempenho da economia brasileira na segunda quinzena de julho do corrente e as expectativas para 2014, de acordo com os dados do relatório de mercado Focus do Banco Central (BACEN), é apresentado na tabela a seguir.

Boletim Focus – expectativas do mercado

Expectativas do mercado						
Mediana Agregada	2013			2014		
	12 jul.	26 jul.	Comportamento	12 jul.	26 jul.	Comportamento
IPCA (%)	5,80	5,75	▼	5,90	5,88	▼
IGP-M (%)	5,00	4,94	▼	5,47	5,50	▲
Taxa de Câmbio - média do período (R\$/US\$)	2,13	2,14	▲	2,23	2,26	▲
Meta Taxa Selic - fim do período (%a.a.)	9,25	9,25	=	9,50	9,25	▼
PIB (% do crescimento)	2,31	2,28	▼	2,80	2,60	▼
Produção Industrial (% do crescimento)	2,23	2,10	▼	3,00	3,00	=
Conta Corrente (US\$ Bilhões)	-75,00	-76,15	▼	-78,95	-79,50	▼
Balança Comercial (US\$ Bilhões)	6,00	5,70	▼	8,00	8,92	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ Bilhões)	60,00	60,00	=	60,00	60,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 26/7/2013.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
José Sergio Gabrielli

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
José Geraldo dos Reis Santos

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Bárbara Mônica Brito Sacramento



COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Ana Paula Porto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Renata Santos

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu